

# ESCRITAS : MANIFESTOS

## POESIA PARA UMA REVOLUÇÃO (IM)POSSÍVEL

(fragmentos sobre os tempos múltiplos do Manifesto)

RODRIGO SILVA

EDIÇÃO ESPECIAL N.º 1



# **POESIA PARA UMA REVOLUÇÃO (IM)POSSÍVEL**

(fragmentos sobre os tempos múltiplos do Manifesto)

RODRIGO SILVA

*Tudo é nascimento e despedida.*

CHRISTIAN BOBIN

*Existe no universo uma força imensurável e indescritível.  
Os antigos xamãs chamam esta força "Intenção"  
e absolutamente tudo o que existe universo está ligado  
à Intenção.*

CARLOS CASTAÑEDA

*O difícil, é o que pode ser feito de imediato. O impossível,  
é o que demora um pouco mais de tempo.*

GEORGES SANTAYANA

*Podem enterrar-nos, mas saibam que somos sementes.*

PROVÉRBIO AMERÍNDIO

O manifesto enquanto forma artística e política teve um tempo e um momento que parece ter sido singular e irrepetível. Num momento e num lugar circunscrito, que nos aparecem hoje como *memória de arquivo*, mesmo sendo diverso na sua forma e ocasião, concentrou nele um poder e uma força capaz de re-definir as relações da criação artística com a história, o tempo e a sociedade. Ele emana de um tempo em que *alguns acreditavam numa arte* que se afirmava como criadora de mundos e como transformação demiúrgica da vida, das estruturas políticas e das normas sociais. Uma arte que se nomeou (e assumiu, em muitos dos seus protagonistas) como vanguarda: como a expressão mais extrema de uma *visão*, de um esclarecimento. De uma *proposta utópica* que nos levaria em direção à promessa de abertura de um futuro, que se fazia acontecimento por essa força de engendramento contida no profetismo profano da enunciação. Esse tempo parece ter tido o seu momento, parece estar obsoleto e ultrapassado pelo desencanto. Parecerá padecer de um certo ar do tempo vencido, pertencendo ao um ímpeto de uma transgressão senescente ou até mesmo um arcaísmo, gesticulante e caricatural. Na história recente da arte e da política assinala-se melancolicamente um desaparecimento, um desvanecimento, uma degradação do impulso utópico numa obsolescência cansada. Hoje, o manifesto ter-se-ia tornado talvez objecto de nostalgia e curiosidade, como um artefacto de museu, uma raridade gloriosa e exaurida de um tempo ultrapassado. Apesar de tudo, outros sinais, emergentes e dispersos, parecem desmentir este diagnóstico.

\*

O manifesto é um *acto*: público, declarativo e intencional. Nele se inscreve e se escreve a comunicação de uma *visão ou anseio*, enunciado por um autor, artista ou colectivo (podendo ser anónimo). Ele nasce de um impulso utópico ou de uma pulsão transgressora, em busca de um *efeito revolucionário* (na arte ou na política, na vida ou no pensamento), através de *meios intencionais e intensificados*, que recorrem ao poder performativo da palavra e da linguagem. As ferramentas expressivas do manifesto são postas ao serviço de uma *tomada de consciência*, de uma *acção crítica* que repousa no poder transformador

das ideias e do pensamento. O seu foco reside na enunciação emancipadora e libertadora, apontada a um colectivo por vir ou em vias de formação. Por mais inauditos e insólitos que sejam os dispositivos de agenciamento e de intenção, no seu coração habita uma irreprimível atitude emancipadora ou libertadora.

\*

O manifesto encena ter a potência de agenciamento do *desejo que encarna*. Ele é lançado pelo poder de acontecimento que (o) cria. Ele é um gesto puramente performativo: uma acção, através da linguagem e com a linguagem, que inscreve no mundo um horizonte de acontecimentos transmutantes e de percepções novas. Simultaneamente, inventa uma nova forma de acção, ao inventar um léxico próprio e uma gramática de intervenções: por um lado, convoca para a acção, mas ele próprio é já essa acção, sempre já performativa na matéria e nos corpos. O manifesto é um enunciação especulativa de uma *nomeação futurante*: ele pronuncia e organiza algo que *através dele se torna manifesto*, i.e., se mostra, se revela, se torna consciência e intenção. Ele é a capacidade da nomeação, que *mostra e aponta*, que *re-significa*, que situa e que demarca (que abre um espaço e um tempo). Que escreve ou diz a *inscrição*, na história colectiva, da *acção singular*, do gesto iniciante e inicial (de um indivíduo ou em direção a um colectivo-por-*vir*). O manifesto faz emergir algo que *ainda não* existe, mesmo que já tenha *começado a existir* pela existência do manifesto: o manifesto cria e abre um momento novo mas, ao mesmo tempo, ele já é precedido na intenção consciente de uma visão do que está a germinar ou por um *pressentimento de futuro*. Por uma ideia que reconheceu e que antecipou uma *transformação silenciosa*, que subterraneamente e inconspicua já se tinha dado ou iniciado. Dito de outro modo, eminentemente paradoxal: sem o manifesto, aquilo que *já está acontecer*, não teria acontecido. Ele *faz acontecer* o que acontece, numa co-criação emergente, recíprocante e sintrópica, entre intenção e materialização. Mas o manifesto, ao mesmo tempo que inscreve na história, na época e no tempo, ele enuncia uma *ruptura* com a ordem estabelecida e apela para um outro horizonte ou experiência. O manifesto é a energia de ruptura que abre o horizonte de uma *outra história*. Se temos de

questionar o que pode querer dizer escrever um manifesto hoje, temos também de indagar o que fizemos dos manifestos passados e o que eles podem significar hoje para a arte, política e a cultura.

\*

Nem sempre os manifestos foram de vanguarda ou abriram novos horizontes e vias, antecipando a história. Nem todos inventaram uma nova linguagem para o pensamento ou uma outra gramática do agir, outras imagens e outros gestos para partilha do comum. A energia da rutura é por vezes uma pura dissipação entrópica, girando sobre si num palco vazio. Mas a disseminação semeia e germina; os fragmentos recompõem-se noutras histórias e noutros gestos. O manifesto afirma a acção como *profecia auto-realizadora*: ele *faz dizendo*, abrindo uma outra *economia performativa* da acção política. As acções aliam-se às palavras, as escritas aos gestos. Elas compõem e constroem uma situação, um entrelaçamento de humanos e um *horizonte de significação*, mas consideram que uma acção e um gesto nunca se reduzem ao seu contexto, nem se esgotam no seu suposto enquadramento histórico. Elas abrem *possibilidades históricas*, aquilo que nelas é *inscrição no tempo* e criação viva, irrupção e revolução, mas falam-nos daquilo que ainda falta viver, pensar, partilhar. Um acontecimento augural ou uma situação inaugural é sempre irredutível à história onde se tenta inscrevê-lo: habita-o uma potência *imemorial*, incandescente.

\*

O manifesto nasce de *um dizer que age sobre o fazer* e um *fazer que age sobre o dizer*. Nesta intensificação recíproca, magnética e hipnótica, aquilo que ele enuncia, ele deve, ao mesmo tempo, fazê-lo. Ele realiza na palavra e no pensamento aquilo que ele quer *fazer acontecer* no mundo, realizando-o. Ele *performatiza* o tempo, inscrevendo nele possibilidades de acção inauditas, mas sobretudo é mobilizado pela deslocação do presente para outros tempos, futuros abertos co-criados nessas linhas de vida lançadas e relançadas. O dizer do manifesto é *assertivo* e *prospectivo*: ele faz porque abre um horizonte e um

tempo potencial, irreduzível às capturas da descrição. Um *horizonte do possível*, um espaço de acolhimento do futuro desconhecido ou de uma impercetível deslocação utópica. Dizer e fazer retransmitem-se e energizam-se mutuamente, em imbricamento de reciprocidades. O que o dito promete, o fazer inscreve-o: na matéria, no tempo, no espaço, nos gestos, no quotidiano, na vida vivida. Ele procura persuadir-nos de um *movimento de transformação* a acontecer debaixo dos nossos passos e por entre os nossos encontros e fricções, *tangentes emergentes*. Informa-nos que estamos à altura daquilo que ele diz; age ao mesmo tempo como *incitação* e como lançamento *de um alerta*. As condições do fazer actualizam-se irreversivelmente e reorganizam-se instantaneamente: pelo *espaço de escuta* e leitura sensível que ele cria, ao fazer-se anunciar. O gesto-em-obra criado pelo manifesto é o engendramento um outro espaço público, antagónico e dissidente, mas ainda um espaço comum. Sendo dissonante e divergente, ele é um *fazer-em-potência* aliado a uma *actualização do dizer*: como se o dizer realizasse e efectuasse esta *potencialidade do fazer*, abrindo-o às suas possibilidades de inscrição e co-criação. O que ele inaugura é o que augura, *duplo enlaçamento*, que fende o tempo linear em múltiplos tempos e linhas de acontecimento. O que não existia antes, ele, *aqui e agora*, realiza, instituindo e constituindo o espaço de possibilidades do que (ele) faz acontecer. Não o sendo ainda, já é, numa linha de tempo e numa sequência de acontecimentos aberta por ele.

\*

A potência performativa do manifesto é indissociável da sua forma de publicitação (e de encenação). Na *ecologia performativa* do dizer, ele *capacita* o uso público da palavra: conserva algo desta *oralidade primeira*, deste sortilégio oracular da palavra. E do que é simplesmente *ler*: a leitura de coisas escritas, a escuta das coisas ditas como potência incarnada da linguagem. Ele é um efeito da linguagem e da palavra, mas ele age sobre os corpos e sobre os espíritos, sobre as suas percepções e afectos, sobre os seus movimentos e desejos. Ao ser apropriado e interiorizado por *aqueles que o escutam e que o lêem*, ele é *re-significado e redobrado* nas vidas daqueles que ele tocou ou afectou,

daqueles que julgam ter compreendido e que o incarnarão a seu modo, mesmo que contraditoriamente ou de forma lacunar, incompleta ou incompreendida. Ele é quase sempre *mal-entendido* e por isso é *re-escrito, re-dito e re-feito*: a sua força vem dessa *iterabilidade da errância* inevitável da linguagem, da sua *diferância* incessante, dos seus efeitos diferidos, dispersos, no espaço e no tempo.

\*

O manifesto não pode ser demasiado preciso ou conter instruções. Seria isso que o tornaria de facto irrealizável, tendo de se medir e aferir a um suposto cumprimento ou execução. A sua linguagem é invocativa, evocativa, simbólica, metafórica, disfórica. Ele tem de ser *aberto*: afirmar e prometer, efetuando-se e realizando-se de formas inauditas e inantecipáveis, mas mantendo uma expectativa e uma promessa em aberto. Ele é conscientemente *auto-contraditório* (faz des-dizendo, diz para fazer de outra maneira, diz des-fazendo) e *paradoxal*, numa coerência que suspende a lógica da não-contradição. Por exemplo, podemos esquematizá-lo numa sequência de contradições intermináveis como estas: “1. É preciso protestar porque não somos livres; 2. É agora que protestamos que afirmamos que somos livres; 3. O agora da liberdade só nos pertence a nós, aqui e agora, neste momento, mas nele somos par sempre livres; 4. Somos livres agora mas é agora que deve começar a nossa luta pela liberdade; 5. A liberdade que temos agora não é a verdadeira liberdade, é preciso que seja de todos e para todos; 6. já somos livres podemos fazer este manifesto mas ainda não somos livres e por isso é que temos de fazer este manifesto; 7. É porque somos essencialmente e interiormente livres que um dia seremos livres na nossa existência no mundo e no exterior; etc”. No fundo, ele incarna a *incomensurabilidade* do dizer e do fazer: nem o fazer, nem o dizer se bastam a si mesmos, um sem o outro não são nada, nenhum basta para fazer acontecer o outro. *Acontecem-se* mutuamente, numa coalescência recíproca mas incuravelmente contraditória.

\*

O manifesto associa a *poesia* à *história*, a *efusão* lírica aos *levantamentos épicos*. O canto dos mundos novos implica novas dimensões para a poesia da acção. O manifesto torna-se o lugar de um combate empenhado e de um compromisso com *uma* verdade, de uma *fidelidade* ao acontecimento (como diz Alain Badiou), afirmando uma força de coragem, audácia, revolta e revolução. Ele coloca em comum a linguagem e a acção, a palavra e o gesto, *elementos primeiros da expressão humana*, dos quais precisamos sempre de nos reapropriar, subtraindo-os à *espoliação* dos imaginários feitos pela comunicação massificada. Esses elementos primeiros da expressão humana, que passam a conhecer na sua forma poética e no seu estado artístico novos regimes de intensidade, que criam outros modos de percepção, abrem um programa de acções e protocolos existenciais por (co)criar, que os arranca à inércia da linguagem instrumental, dos ditos e re-ditos da comunicação e dos *media*, das ordens e dos comandos, da obediência e do medo, das trocas e dos pequenos comércios. A sua mudança é radical e iniciática: o seu modo de acção é o de uma *prática empenhada da arte* que só se compreende se estiver *implicada* no real, como um *exercício de transfiguração* da vida, como *uma inscrição do espírito poético* no quotidiano e na vida vivida. A experiência que ele convoca é como uma *prova*, a *travessia* de um *perigo*, do qual ninguém pode(ria) ficar indemne.

\*

É o *sensível* que é reconfigurado nesta *montagem de desejos*, que compõe um mundo de dissemelhantes: um mundo de alter-possíveis, um mundo onde visível e invisível permutam entre si, onde os múltiplos tempos e espaços do pluriverso se entrelaçam. O manifesto futurista de Marinetti, o manifesto dadaísta de Tzara e o manifesto surrealista de André Breton, três manifestos emblemáticos da passagem dos desdobramentos da arte moderna para o plural da(s) a(s) arte(s) contemporânea(s), são os *incitamentos exemplares* mais heterogêneos e dissonantes da modernidade. Apela ao *colectivo*, descrevendo um programa

de tarefas por vir, com as suas *tarefas negativas* (destruições, aniquilações, ultrapassagens) e as suas cenas quiméricas a fabricar. Eles esmagam o bom-senso, o conformismo, o aburguesamento da vida, a vida funcionária e administrada. Criticam as genealogias e as tradições opressoras, os imobilismos e os pântanos da repetição, as tutelas religiosas indesejavelmente ideológicas, os grandes modos de produção e controlo da verdade, o positivismo cientista e o materialismo atroz, o capitalismo hegemónico que tudo converte em mercadoria, preconizam a ruína dos valores, a lenta erosão das conformações e dos adestramentos. A arte seria lugar de uma *nova partilha do sensível*, tomando de empréstimo a expressão de Jacques Rancière: as linhas de divisão e fratura movem-se fazendo aparecer contrastamentos e coisas inapercebidas, que se tornam agora distintas. Um novo regime de sensível e do dizível, uma nova partilha dos saberes e da acção, uma nova intersecção das singularidades e das lutas emerge desses gestos selvagens e intempestivos. Eles *afirmam acções opostas em conjunto*, em contínua contradição polarizante: ser contra e a favor, nem a favor, nem contra. O seu axioma primeiro é o da dissolução da arte com a vida, ou melhor: a *infusão da vida* na arte e a *transfusão da arte* na vida. Coalescência dos tempos múltiplos, insondáveis e imprevisíveis.

\*

Esse imbricamento da arte com a vida, como vasos comunicantes é reduplicada pela articulação e pelo entrelaçamento do individual com o colectivo. A individuação singular alimenta o colectivo e o colectivo nutre a individuação. Um e outro *retro-agem* e *futur-agem*: um sobre o outro, um no outro, incessantemente. Refluem entre si, modificando-se e enriquecendo-se mutuamente: todas as individuações singulares alteram as condições da individuação colectiva e todas as individuações singulares nascem dos encontros com outras individuações e com os movimentos colectivos de individuação, de múltiplos tempos. Os conceitos, objectos, desejos, imagens são *instrumentos infinitos da imaginação*: da relação e da afinidade entretecidas, da conexão e da interdependência dos possíveis. São *diapasões* e *talismãs* que criam uma *ressonância* comum, uma forma inobjectivável de morfogénese e de heterogénese partilhada.

\*

Os manifestos têm uma *dupla relação* com o presente: eles inscrevem-se no presente mas para agir sobre ele, eles *respondem* ao tempo presente para o abrir ao *começo de um outro tempo*. Eles olham para o tempo do ponto de vista de um movimento de emancipação, restituindo a abertura do tempo e separando do peso da tradição e do passado que asfixia, muitas vezes religando-se à força emancipadora e libertadora de outros passados, que forma silenciados, denegados, apagados. É em nome de *uma libertação* da vida (e do tempo) que a arte se inscreve na vida e que se re-liga a arte à vida. Como uma *activação simbólica* ou como uma *exemplificação*: os seus enunciados, os seus gestos, as suas acções e as suas imagens tornam-se *forças de imaginamento* do concreto, *passagens iluminantes* à acção. Os meios (i)materiais da arte servem os fins mais elevados da vida: a arte permite *actos vitais*, mesmo se *estritamente* poéticos (este *estritamente* não é um confinamento mas uma singularidade) mas sem que deixem de se *cumprir* na vida. O manifesto não é por isso nunca apenas um discurso: é um programa de *acções-símbolo* que começam por ser *palavras-acção*, que se realizam pelas propriedades poéticas da arte, mas que transportam *instruções visionárias, iniciações discretas, exercícios encantatórios, ensinamentos experimentais, meditações criadoras, visualizações actuantes, etc.* Todos estes *instrumentos de imaginamento* destinam-se a ser um laboratório de experimentação de outras formas de viver, de sentir e de pensar. Dizem-nos, segredam-nos ou gritam-nos: é preciso aprender a ver ou a escutar de outra maneira. São exortações a exercícios de individuação e exercícios de transformação de si: *exercícios espirituais*, se os entendermos em sentido lato, como operações (vagamente ou explicitamente) ritualizadas de transformação da vida íntima ou colectiva. Abre para a experimentação de novas formas de colectivos, outras maneiras de *habitar o mundo*, que abrem *um outro comum*.

\*

O manifesto é a imaginação de *um desejo colectivo*, de uma visão para a transformação humana: o *retomar* do impulso utópico, do movimento de abertura de uma comunidade por vir. O manifesto põe as *energias do desejo* em movimento: propõe uma visão para o comum, aquela da qual estaríamos hoje órfãos: como dizer “*nós*” hoje, sem logo pressentir a vulnerabilidade, a fragilidade, o estilhaçamento prometido de uma tal enunciação? Toda a manifestação, todo o manifesto, visa mobilizar os poderes da acção e as suas forças de transformação, fazendo emergir um horizonte constituído pelo desejo de um colectivo, de um nós singular. Ele destina-se a *fazer-nos acreditar ainda* nas forças da acção, nas forças poéticas, enquanto forças singulares de criação. É essa crença, talvez, que sustenta a enunciação de um movimento: o futurismo, o dadaísmo, o surrealismo ou o situacionismo foram movimentos (com as suas diferenças irreduzíveis) porque partilharam uma crença na metamorfose da vida e na participação da arte nessa transmutação. Manifestar-se testemunha de uma *potência da acção* concede uma *convicção interior* nas acções de cada um para metamorfosear, modificar, para *regenerar* e para *curar o mundo*: diferentes tipos de acção combinadas, em certos lugares, em certos momentos, por associações longínquas ou sincronicidades, iniciam *sequências de acontecimentos e transformações silenciosas* que transportam um significado maior do que a sua circunstância temporal ou local. Passam a ser um acontecimento que criou uma *memória*: uma *abertura* junto à qual permanecemos desabrigados, um *espírito-guia* que se torna um farol intermitente na noite do mundo, que multiplica e desdobra ao imaginamento dos meios de agir, abrindo-os à multidão anónima e aos encontros inesperados. Destinam-se a todos e a ninguém, podem ser de qualquer um, em qualquer tempo e em qualquer lugar (a abertura do tempo da história, como um reservatório de possíveis ainda por percorrer).



O manifesto é o meio privilegiado dessa palavra-acção ou da acção-poética, que emerge de *um gesto singular*. Ele é o *suporte irradiante e ressonante* que continua, muito depois da sua deflagração, a irradiar as energias da sua potência poética. Se os seus meios iniciais podem ser extravagantes e enfáticos, retóricos e estilizados, é porque procuram surpreender pelo excesso do seu ênfase deslocado e pela construção singular da sua atitude e posição. Se procuram inquietar e desassossegar pela força percutante das suas afirmações, mobilizar pelas teatralidades do seus endereçamentos e interlocuções, fazem com que cada um se sinta interpelado e convidado (ou mesmo convocado ou intimado). Sustenta sempre que os meios da arte são para os fins da vida *operadores vivos de transformação* – ou então não são nada, resíduos secos e inertes da morte adiada. Sabem, afirma, que a arte não pode ser apenas uma distração ou um prazer ocioso e lúdico: ela é a *forma poética da vida*, o estado singular de intensificação em que as suas forças de transformação são maximamente comunicantes e desejanças. O que mais importa: que a arte seja um meio da vida se afirmar e transformar, que os seus objectos e imagens, os seus gestos e palavras, os lugares que constrói e os momentos que nos faz habitar, as *experiências de pensamento* que nos faz ter, a qualidade da atenção e a elevação do sentir que ela convoca, são os *mundos possíveis* que abre incessantemente diante de nós. Outros objectos, outros meios, outras sensações, outras percepções, outros imaginamentos: em busca de uma *vida-outra* para estender e amplificar um desejo colectivo, para desdobrar em pluralidade outros mundos comuns (outras comunidades por vir, mas que estão sempre já aqui e por aí, dispersas, disseminadas, *destinerrantes*). Os meios da arte seriam o *ecossistema de transmissão* que permite, no sensível e ao inteligível entrelaçados, *novas intensidades partilhadas*. A grande questão que o manifesto nos lança é a da busca dos meios do *pôr em comum*: como é que saímos dos nossos encapsulamentos narcísicos e bolhas individuais, sobretudo nas redes sociais. Solidões nos terminais e nos interfaces, movidas pela ilusão transitória de sociabilidade, fechando os visionadores e (supostos) actores dessa rede em esferas de auto-confirmação misantrópicas, que existem muitas vezes como lugares de compensação de um real em estado de abandono, desertado

e fragilizado. É uma velha questão, talvez a mais difícil: como construímos em juntos mundos comuns, onde co-existimos diferentes e singulares mas adotando um certo conjunto de narrativas comuns, de ideais partilhados? Estas experiências do sentir e do pensar, que dão nomes e figuras a uma *urgência do presente*, a uma *responsabilidade colectiva* perante o estado do mundo, que respondem a uma circunstância comum à qual estamos todos expostos (de diferentes formas e em diferentes graus, inevitavelmente). Uma *estética do comum*: seria a essa operação de *partilha de mundos-em-comum*, de escuta dos tempos e modos múltiplos de habitar o presente e de nele abrir outros possíveis.

\*

*Desejo de colectivo* e crença nas potências da acção, desejo de transformação do mundo e crença nas potências alterantes da arte: é este o entrelaçamento quântico, a equação que o manifesto põe em movimento. Com os meios da arte, experimentam-se outros fins para a vida, segundo dois movimentos, claros e distintos. *Manifestamos*, ou seja: tornamos consciente, fazemos emergir, fazemos existir, contruímos o acontecimento, exteriorizamos, expomos, mostramos, espacializamos, apresentamos, declaramos, indicamos, revelamos, mostramos, inscrevemos uma posição minoritária, um devir impercetível no espaço público, dando-lhe voz e visibilidade. E *mobilizamos*, ou seja: convocamos, chamamos, apelamos, colocamos em movimento, criamos uma dinamização, dispomos forças e energias para agir, engrenamos o devir, endereçamos um desejo de futuro, criando uma forma de partilha para uma inteligência do colectivo. Em ambos, colocamos em relação a palavra e acção, tornamos ambas consequentes uma da outra. E esta experimentação supõe entrar em luta contra coisas há muito estabelecidas e estabilizadas, com as forças hegemónicas e dominantes que colonizam o tempo e a imaginação, silenciando os plurais singulares múltiplos das humanidades desta terra.

\*

Nos protocolos que instruem, nas situações que provocam, nas experiências que iniciam, os meios da arte alargar-se-ão incessantemente, saindo do *confinamento artístico* e do seu mundo *auto-télico* (e autista), ensimesmado pelo modo capitalista de considerar arte. Aquele mesmo que consentiu e beneficiou da conversão das obras de arte em produtos de fruição hedonista, em mercadorias ou objetos de consumo que se expõem, para serem contempladas em deambulações urbano-depressivas, vagamente entediadas, de perplexidade em perplexidade, perante a anomia do significado. São muitas as *esferas do mundo* que temos de re-organizar e reconfigurar para poder criar outras *experiências de sentido*: e a arte contemporânea é extrema no delírio especulativo do valor, como na força de contestação das suas reificações. A criatividade tem de ser resgatada das operações de mercantilização que a instrumentalizam permanentemente para a reprodução do capital e extracção contínua da prodigalidade da Terra. Ela tem de ser readquirida como a capacidade essencial da transformação espiritual do humano por si mesmo, não como um instrumento do *marketing* e do *lifestyle*, do entretenimento generalizado e da distração permanente, orquestrada por um sistema de produção e consumo que está a comprometer irreversivelmente as condições de habitabilidade da Terra. Uma criatividade liberta do produtivismo, *inoperante* diria Agamben. O poeta François Cheng, numa entrevista recente, reabilitando e reconstruindo a ideia de criatividade como de *criação múltipla de sentido*: de um sentido do *sentido feito sensível* como *diapásão* e emoção profunda da alma; da consciência de uma  *direcção* e um  *caminho* a fazer; da intuição de uma *significação superior* para as nossas escolhas e decisões, para as nossas palavras, para as nossas acções, para as coisas que escolhemos *começar* e *iniciar* (e para aquelas que temos, enfim, de nos decidir a terminar). Talvez, no fundo, não interesse se aquilo que se faz é arte ou se se é artista, se a actividade da arte ocorre dentro ou fora da esfera da arte. O que devemos perguntar é se a capacidade criadora dos nossos gestos, imagens, acções reconfiguram modos de habitar, sentir e pensar as formas de habitar o mundo. O que mais importa é o que se está a inscrever no mundo, contrapondo-lhe algumas perguntas simples como a da pergunta pela

criação de sentido. Cria sentidos? Transforma os mundos? faz emergir uma outra *inteligência do colectivo* e outros *imaginamentos do futuro*? *Faz emergir* outros mundos no mundo? Faz a acontecer a composição de *um comum*, de um *mundo-em-comum*, feito da recomposição e aliança desses múltiplos tempos que se manifestam nele? *Enriquece* a nossa experiência da liberdade? Regenera a nossa crença no mundo, nos outros? Faz-nos acreditar, com força renovada, na palavra, na escuta, no gesto, na capacidade de criar *amando* e de amar *criando*?

\*

O manifesto é o *enlaçamento ético* entre um dizer e um fazer. O que ele anuncia por vir, no mundo e na arte futura, ele realiza-o já num presente que ele actualiza, que ele realiza na sua enunciação. O que ele promete, de algum modo ele já é. Ele encena a sua propagação e a sua disseminação apenas para prolongar um movimento que o ultrapassa infinitamente. Dizer e fazer relacionam-se um com o outro do mesmo modo que matéria e espírito: o que o dizer anuncia, o fazer inscreve-o na materialidade localizada. O fazer é *prova da vida* do prometido. Mas cada dizer é já materialização e cada fazer é sempre animado secretamente por um dizer que o precedeu. Circularidade interminável do pensar e do agir, da intenção e da consciência, do ser e do fazer ser. Excedem-se mutuamente, entrelaçando os seus tempos e velocidades.

\*

O manifesto procura convencer-nos que estamos à altura daquilo que imaginamos. Para fazermos o que dizemos ou para materializarmos o que imaginamos, é preciso saber que as condições materiais nunca estão nem estarão inteiramente dadas ou reunidas. O espaço de leitura e escuta do manifesto é o *tempo múltiplo* dessa *tensão essencial*. Para que um *potencial de manifestação* possa actualizar-se em sequência de acontecimentos, expressões vivas dessa tensão têm de ser experimentadas e atravessadas. Neste sentido a promessa, enquanto compromisso e enquanto empenho na potencialidade do dizer, na sua capacidade instituinte, abre incessantemente o espaço do fazer. Essa potencialidade, que

é extraída da temporalidade aberta e incerta da promessa, vale por um espaço de possibilidades que se abre, um espaço que não pode ser fechado estritamente pela consideração das suas realizações efectivas. A capacidade instituinte (ou constituinte) é um *espaço potencial*, que permite que o fazer seja movimentos e metabolismos incessantes num *espaço de possibilidades* e não apenas uma soma de objectualizações (a materialização enquanto movimento excede sempre as objectualizações e as fixações). Talvez fosse mais rigoroso falar de *incarnamentos* ou de *encantamentos*, no sentido em que as formas concretas de materialização da promessa, percorrem substâncias, corpos, lugares, atitudes, percepções, gestos, emoções, cuja materialidade não é inteiramente tangível ou apenas mensurável pelos seus efeitos empíricos. Os efeitos que chamaríamos de *imateriais e intangíveis*, os efeitos cognitivos e afectivos sobre o mundo possuem *operatividades*, ou seja, *efeitos de obra* que não são estritamente confináveis na materialidade ou na objectualidade. O manifesto enquanto acto e intenção possui um espaço potencial irreduzível a esse confinamento material. Mais do que estritamente material ou espiritual, um ou o outro, ele é *vital*: entrelaçamento e agenciamento incessante da vida e da consciência.

\*

A época dos manifestos – se é que houve uma tal época – não deve por isso ser apenas objecto de nostalgia: pode sempre ainda ser o nosso futuro. Um manifesto, hoje, não será por isso uma manifestação ingénua de optimismo sobre as possibilidades da acção colectiva ou um apelo exclamando no deserto da indiferença (mesmo se hoje o espaço de atenção e escuta no nosso tempo está profundamente fragmentado e atomizado). O que nos deveria guiar é o sentimento e percepção, sentida por muitos e cada vez mais, de maneira por vezes confusa e indistinta, de que é preciso mudar (até os eleitores da extrema direita, em subida acelerada, são disso um sinal e um sintoma disfuncional). Precisamos de propor novas leituras da situação, partir de outros dados e de outras premissas: nomear outras possibilidades, libertar-nos do manto de opacidade que a estridência do entretenimento e do consumo lançam sobre as urgências do presente. O manifesto é realismo táctico, mesmo

quando ostensivamente transportado pelo devaneio e pelo delírio, em fuga das fantasmagorias do capitalismo.

\*

A forma impressa do manifesto, a sua comunicação gráfica e visual como forma de publicitação e disseminação, sempre foi inseparável da radicalidade do gesto e do espaço de debate que a forma-manifesto mantém aberto. Ele não é mero documento que fixa ou cristaliza num tempo único e efémero: ele é um lugar de enunciação activo e actuante, que articula uma demanda, um lugar de sinalização que deve, na sua forma breve, mostrar um gesto sintético e claro. Um corte, uma interrupção, uma irrupção no *continuum* da informação e dos discursos. Na imensidão inabarcável da produção diária de informação de textos e imagens, enésimas repetições e variações em iterabilidade do mesmo, é preciso tornar visível e tornar audível. Por entre a homogeneização e a uniformização, algo que ressalte como uma visibilidade viva (podemos ver analogias na força *viral* de alguns *memes* ou imagens, sintomas dessa necessidade de enunciação *cortante*, *emblemática*, para perfurar e interromper a torrente demencial da informação e do entretenimento). Como é que podemos compor e inscrever o impulso utópico como um movimento de co-criação e como germinação de alternativas concretas? Mas sobretudo temos de nos perguntar: que frases, que ideias, que *gestos concretos* as podem inspirar? Como é que podemos operar *rupturas*, sem a *força incoactiva* do manifesto? A que poder de engendramento podemos nós recorrer, se o debate público está estiolado e espartilhado entre, numa parte, um jornalismo que segue o tacticismo dos interesses na luta política pelo poder, refém do sensacionalismo e do voyeurismo e, noutra parte, a fragmentação das inúmeras esferas semi-públicas das redes digitais, que hoje absorveram uma parte substancial do espaço público? Para onde devemos dirigir-nos em busca de espaços alternativos de debate, se as pessoas parecem estar com a atenção colonizada por estes espaços? Como amplificar e relançar rupturas colectivas, se hoje sabemos afritivamente por onde se captura cada vez mais o tempo da atenção? Como fazer com que as muitas pequenas transformações sejam de facto entre-articuladas e

entre-ligadas numa grande mudança? Formulado noutros termos: como dizer “nós” como convicção íntima, sem que isso soe imediatamente a uma pretensão de generalização ou de universalismo abusivo e usurpador? Estas são questões que temos de recolocar incessantemente, para as quais os gestos dos manifestos seriam uma interpelação viva, que não podemos dispensar.

\*

O manifesto deveria caminhar para ser um *dispositivo transmedial* e transdisciplinar. Num sentido muito preciso: no sentido em que ele deveria poder atravessar diferentes meios e diferentes materializações, não porque o suporte e o canal da difusão seja indiferente mas justamente, pelo contrário, porque o suporte e o canal fazem toda a diferença na forma como se comunica e naqueles a quem se alcança. Mas também no sentido em que ele não pode ficar confinado a um *género específico* (por exemplo: de arte política ou da agenda e pretensões de um grupo sectário ou movimento ideológico) ou *disciplina reservada* (por exemplo, das artes e das vanguardas literárias ou das humanidades activistas e implicadas na crítica social radical). Por isto mesmo, o manifesto não é apenas um registo ou uma comunicação de intenções ou de ideias: ele *modifica os meios e os contextos* onde é enunciado, tal como modifica a natureza do modo como concebemos e fazemos a política e a arte. Só mudamos as mensagens se mudarmos os meios e, hoje cada vez mais, os meios que parecem dominar inteiramente as mensagens deveriam permitir o contrário: que as mensagens recodificassem os meios, resignificando-os, pelas práticas que os reapropriam (claro que isto vale para pior para o melhor). Ou, dito noutros termos: o manifesto é trans-medial porque transforma o meio e os media em que se instancia e agencia. E porque não se confina a ele, é transdisciplinar, no sentido em que os confinamentos que estabilizam e reiteram os léxicos disciplinares, os seus protocolos e modos de funcionamento, são abalados e as suas introversões são fissuradas e tornadas permeáveis.

\*

O manifesto fala sempre no plural e *para um plural*, mesmo quando se enuncia a partir da singularidade de um acto único e de uma afirmação irrepetível. O seu destinatário é sempre plural: ele quer federar e agregar, estabelecer alianças e associações, mesmo se os trabalhos, localizações e circunstâncias de cada um dos destinatários sejam a cada vez únicos. Ele aponta para *comuns-porvir*, mesmo se essa vinda e essa chegada, essa futurição permaneça inapropriável e em parte desconhecida. Nunca antecipamos todas as consequências inintencionais ou colaterais as sequências de acontecimentos que abrimos. Os nosso actos volitivos escapam-nos e ultrapassam-nos: a vida é *excedência incessável* porque é metamorfose ininterrupta. Mesmo não sabendo o que acontece nesse exceder, lidamos sempre com evidências negativas. Saber o que não queremos no presente é já um ganho e um passo em direcção a outra coisa e se soubermos bem o que não queremos (as recusas afirmadas, alguns limites para o inaceitável), o impulso para a acção ganha motivos e linhas de reunião. E mesmo um comum em negativo, uma identificação clara do que não queremos é já abertura e procura de uma enunciação mais justa daquilo que buscamos.

\*

Esperávamos que o século XXI fosse mais um diálogo e uma conversa, mas cada vez mais assistimos a discussões e clivagens que se extremam, multiplicando os entrincheiramentos. O século XX foi marcado pela arrogância beligerante e por certezas mortíferas, que o século XXI seja um século da *escuta* e da *consideração* das alteridades e das humanidades terrestres. É o teor não construído e não preenchido do futuro que guia os manifestos, que impele a confiança utópica e imaginação social. As experimentações abandonadas (que muitas vezes ficaram por realizar ou fracassaram) das quais precisamos sempre de fazer um novo inventário. Por cada realização, centenas de outras falharam, fracassaram ou foram abandonadas. Os projectos não realizados, esquecidos, incompreendidos, perdidos, as histórias não contadas, são horizontes de acontecimentos e tempos múltiplos a reencontrar. As construções

sonhadas e as estradas que não seguimos, são memórias essenciais para nos lembrar de que outros caminhos e outras encruzilhadas estão diante de nós e que alguns deles podem ainda albergar propostas e possibilidades de futuro. Não albergarão muitas das coisas contingentes, efémeras, promessas de futuros não actualizados, tempos múltiplos ainda por abrir, ou que estão latentes dentro dos tempos que julgamos viver, ou hibernando ao lado destas? Como fazer emergir essas múltiplas temporalidades latentes? Como dar lugar e dar voz a essas múltiplas outras centralidades, outras constelações de lugares, outros mundos em espera ou que estão a acontecer e que não vemos? Como criar lugares de regeneração e de germinação das diferentes camadas de acontecimentos que têm lugar numa cidade? Como reconectar e entretecer essas meadas de linhas, os entrelaçamentos criativos de acção e acontecimentos, fazendo delas o *entretecimento conjunto* de formas de *criação de sentido* e possibilidades de migração das formas, para a metamorfose e para a transformação das humanidades terrestres e do *mundos-em-comum*? Como encetar e activar as difíceis negociações entre os presentes e os futuros, entre os passados e os futuros? O texto de Giorgio Agamben sobre *O que é o Contemporâneo*, abundantemente glosado, aponta para isso: para aquilo que rasga a homogeneidade do tempo e a opacidade da actualidade, abrindo brechas no presente, criando ruturas, descontinuidades nele: “o contemporâneo é aquele que dividindo e interpolando o tempo, é capaz de o transformar e colocar em relação com outros tempos. Ele é capaz de ler a história de maneiras imprevistas e não antecipadas (...) É como se esta luz invisível que é a escuridão do presente lançasse a sua sombra sobre o passado, de tal modo que o passado tocado por esta sombra, adquirisse a possibilidade de responder à escuridão do agora”.

\*

As vanguardas artísticas do séc. XX e as (neo)vanguardas dos anos 60 e 70 não são apenas um acontecimento histórico localizado e encerrado num tempo ultrapassado. “Vanguarda”, enquanto categoria das histórias das artes, não deveria designar apenas uma época arquivada: designa uma atitude e disposição para a acção e para a transformação social que é própria da arte

e que coexiste, paradoxalmente, com a sua singular atemporalidade, imemorial e arcaica. A vanguarda é, em cada tempo, re-actualizável como *uma forma de abertura do tempo*, como um desejo radical de invenção do futuro. Já ouvimos o argumento de que aqueles que afirmam um desejo de futuro e uma vontade de agir, enunciada num certo conjunto de ideias ou princípios, são ingénuos ou idealistas, banhando-se na fantasia de uma credulidade simplista, incapaz de alcançar a complexidade sistémica de qualquer transformação. Esse argumento é, simultaneamente, a confissão do desencanto e da desilusão pós-utópica e uma chantagem ideológica, imobilista ou catastrófica no tom, que visa demover, desarmar e desactivar qualquer vontade ou qualquer desejo de mudança. O conformismo é uma arma de dissuasão massiva apontada para a imaginação de futuros alternativos. O manifesto é uma arma de imaginação massiva apontada para a indução de futuros possíveis. Tal como cada tempo espera pela sua vanguarda para se abrir a outros tempos possíveis, todo o tempo tem o seu potencial de criação radical para actualizar.

\*

Estamos no tempo da atomização e da dispersão organizada pelas indústrias dos *media* e do entretenimento, que promovem a distração na economia da atenção e que dissipam a energia criativa dos indivíduos e dos colectivos. Formas de reunião e de ajuntamento das mobilizações, formas de promoção da interseccionalidade das lutas e dos combates pelos futuros alternativos, têm não apenas de encontrar os seus modos de expressão e de disseminação, como de encontrar os meios de distribuição de ideias, nos novos formatos de publicação e distribuição, numa outra *ecologia da partilha*. Sem isto, não há uma reconexão com o poder do manifesto como documento de intenções políticas e poéticas aliadas. Como nos ensinou, com insurgente desassombro, o Maio de 68, o manifesto é a “*poesia da revolução*” (desviando uma expressão que viria de um texto de Marx), ou seja, a poética das transformações por vir. A urgência do presente pede não apenas o optimismo da vontade face ao pessimismo do intelecto (fórmula melancólica e certa de Gramsci), mas sobretudo pede que documentemos o nosso imaginamento de futuros

alternativos entrelaçando textos e escritos com lugares e momentos, gestos e acções com palavras e imagens, vozes e rostos com olhares e acenos. Podem ser cartas ou bilhetes lançados para o futuro, mensagens numa garrafa ou gravadas na pedra, sussurradas ou gritadas, como um segredo ou como um enigma arcano. Convocação ou invocação, apelo ou levantamento, o que se busca são *motivos para agir* e as *instruções visionárias*, que permitam guiar a mobilização e as intenções, as intuições e os tacteamentos. Esses horizontes de acontecimentos e de transmutações precisam de uma *documentalidade* (sobre a qual Maurizio Ferraris escreveu, enfatizando essa necessidade de *deixar traços* e vestígios), que os permita ficar em conexão com um tempo (sem dele ficarem prisioneiros) e relançar para inspirar e ensaiar o que virá. Os manifestos são os *traços mnésicos dos futuros alternativos*, os *vestígios pré-póstumos das futurições do possível*.

\*

Ninguém sabe qual vai ser o rosto dos manifestos do séc. XXI. Ninguém sabe onde e como vão surgir. Ninguém sabe quem os irá escrever - ou sequer se vão ser escritos nas formas que nos habituámos a reconhecer. Ninguém sabe como emergirá e o que fará emergir. Ninguém sabe o que vai dizer: dúvidas ou cóleras, hesitações ou resoluções, se vai ser paródico ou pragmático, realista ou sonhador. O espaço do pensamento crítico e do debate público precisa do *espírito revivificante* do manifesto. Há questões a colocar e pensar na sua documentalidade e na sua gestualidade: de estatuto e de forma, de suporte e de recepção, sobre as intenções e os resultados, sobre os efeitos esperados e inesperados, sobre os danos colaterais e sobre as instrumentalizações, sobre a parcialidade e a incompletude, sobre a incerteza e sobre a relatividade de tudo no grande balanço das coisas. Mas o facto de haver todas essas questões significa antes de mais que temos de trabalhar sobre todas as questões que dizem respeito às nossas práticas discursivas e ao poder da palavra, sobre o que significa usar a palavra num espaço público confiscado pelo mercado, pelas lógicas do espectáculo, do entretenimento e pela informação massificada. Ou seja, sobre as *condições de possibilidade*, materiais e transcendentais, históricas

e tecnológicas, ecológicas e psíquicas, que a tornam (temporariamente) possível ou (duradouramente) impossível.

\*

Precisamos de *proposições experimentais* para materializar as aspirações comuns das humanidades terrestres: aceleradores e catalisadores de transformações aguardadas, construções de fenómenos localizados e experiências disseminantes e migradoras, incitações performativas e desejantes que possam associar-se e aliar-se, comunicando com múltiplas outras, em curso ou por vir. E não é preciso que falem uma língua comum: nenhum esperanto, mas línguas de tradução, línguas feitas de traduções e retraduições em iterabilidade, cosmopolitas e multilingues. Línguas que fazem mundos plurais ao mesmo tempo que o dizem nas suas deslocações metafóricas, que abrem campos de possibilidades semânticas, ao mesmo tempo que materializam e actualizam possibilidade singulares de vida e de sentir, possibilidades do entrelaçamento do sensível e do inteligível. A vocação performativa do espírito alucinado e hipnótico do manifesto, a sua força de visão e acontecimento, intuição programática e evolutiva, tem capacidade de responder às múltiplas crises que atravessamos e a que temos de contrapor outras narrativas, outros imaginamentos. Não é por isso um exercício de estilo (seja ele institucional ou não) ou uma subversão subvencionada, por aqueles que sempre procuram tacticamente conquistar posições e demarcar-se da indiferença colonizadora. Temos de perceber as posições dialógicas e relacionais que podemos ocupar e utilizar no diagrama de forças em disputa. Os combates pelo imaginário e pelas narrativas serão dialógicos e relacionais ou não serão.

\*

A pergunta se precisamos de manifestos não é retórica: é política e filosoficamente necessária. Podemos sempre levantar suspeitas cínicas: temos uma memória histórica pesada, que arrasta a atrás de si um vasto campo de destroços e remorsos políticos, de desilusões empilhadas e ressentimentos larvares. Mas se apenas

remoemos continuidades e impasses lógicos, não abrimos os espaços de negociação e tradução necessários para a imaginação dos possíveis alternativos. Ousaria por isso mesmo dizer que devíamos solicitar manifestos a todas as instituições e colectivos, como que a dizer que não apenas queremos saber qual é a sua “missão e valores” (convertidas em convenções retóricas e táticas), mas que queremos saber *o que realmente se propõem* concretizar e, indicando pela palavra dada e pelo gesto continuado, quais as energias sociais, políticas, criativas e ecológicas se propõem actualizar e dinamizar. Isso deveria poder capacitar-nos para aferir as associações e alianças que queremos ter, mas também como dizia Bruno Latour (num texto magnífico escrito no primeiro confinamento e apelo retransmitido nos seus últimos livros), um exercício sobre *o que realmente estamos prontos a deixar e a largar e aquilo que queremos constituir e construir no imediato* (Bruno Latour chamou ao seu texto inicial *Imaginar Gestos Barreira*). Esse texto de Latour apresentava-se singularmente como *um manifesto*: um texto que apela e interpela, que *convoca cada um* para que escreva os (seus) manifestos. Convidar a escrever uma *declaração de intenções e de acções* a levar a cabo, *desenhar um espaço de compromisso e empenhos*, é em si mesmo *tornar manifesto* um desejo de futuro, uma vontade de transformação e a *abertura de um espaço de possibilidades*. “Propagar ideias que valem a pena espalhar” (segundo *o leit motiv* das conferências TED, que apelam a uma narrativa curta, contígua da forma-manifesto), *ideais* que não idealizam mas possibilitam e traduzem, num tempo onde concorrem entre si o poder corrosivo das *fake news* disseminadas na hiper-velocidade dos bits e dos nano-segundos (com a escala amplificadora das partilhas e dos algoritmos de sugestionamento das redes sociais digitais) e uma *economia da (des)atenção*, estruturada por doses massivas de entretenimento, desinformação e uma difusão diária da álgebra do medo (estatísticas, dados, gráficos que nos dão visualizações e cenários de antecipação que projectam continuamente a distopia, o catastrófico e o apocalíptico).

\*

Temos por isso de fazer evoluir os formatos dialógicos, as plataformas que os albergam, as programações que os codificam, os algoritmos dos (seus)

enviesamentos cognitivos. Os nossos formatos conceptuais são herdados de um entendimento da comunicação e dos media que já não corresponde às tecnologias do acesso instantâneo e da computação ubíqua. Hoje há um número crescente e exponencial de pessoas que estão quase permanentemente ligadas ao “ciberespaço” (palavra que quase se tornou obsoleta mas que designa, na definição cunhada pelo escritor William Gibson, um espaço de dados, que funciona como um simulação colectiva de imagens, informações, textos, documentos, organizadas como um mundo de substituição vivida como uma “alucinação colectiva consentida”). Uma parte crescente da humanidade tecnófila está on-line em interações em múltiplas plataformas (redes sociais, emails, interfaces de teletrabalho e videoconferências) recebendo e enviando e informação, vendo e lendo de hiperligação em hiperligação, numa outra ecologia da atenção.

\*

Tomar posição ou anunciar, fundar ou instituir, opor-se ou dissolver, lançar um impulso ou encetar um retorno reflexivo, testar um formato novo ou recuperar um antigo do arquivo: todas essas formas são *modos de singularização radical* da palavra e do gesto, de abertura do espaço de enunciação colectiva que se encontra entregue ao espaço dos *media* e das redes que confiscaram o espaço público. Enquanto *medium* crítico, o manifesto abre um tempo de acontecimentos e um espaço de possibilidades, que se apoia numa ritualização da palavra e do dizer. O manifesto é sempre um *gesto de crise* e de ruptura: ele distingue signos e sinais anunciadores, sintomas de uma mudança e de uma renovação necessária, movimentos que quebram impasses e estagnações, que confrontam inércias e demissões. Os tempos e histórias, sempre múltiplas e singulares, ao mesmo tempo condicionadas pelo local mas expostas ao global, são propícios para recompor outras instanciações do tempo, outros desejos de história. Reconfigurados em cada contexto, mas em ressonância com outras histórias que ocorrem na distância, remotamente e às quais hoje – graças às tecnologias – nós podemos permanecer ligados e em diálogo. Movimento sem o programa que não o programa mínimo de abrir espaço de possibilidades para multiplicidade das micro-utopias e das micro-

resistências, das experimentações de colectivos e das propostas de co-habitação terrestre, experiências de pensamento e mundos em dissidência, comunidades experimentais. Essa abertura não significa renegar ou abandonar o viver-junto e os mundos-em-comum: significa participar inscrevendo neles a abertura de outros possíveis, estando ao mesmo tempo noutras esferas de tempo e de criação que a vão transformando. E essa abertura acontece inscrita nos interstícios do quotidiano e nas fendas por onde se faz abertura (“*em tudo há uma brecha - é por aí que entra a luz*” cantou Leonard Cohen), utopias frágeis e tateantes, móveis e moventes, navegando por entre os signos e os encontros. E inscrever implica traçar territórios e circunscrever espaços de acontecimento e de possibilidades, alter-lugares que resistem à indiferenciação e à homogeneização (mesmo quando eles possam estar em relação ou em tensão com as formas hegemónicas e dominantes do colectivo). É preciso experimentações e ensaios que respondam às urgências do presente e que abram *os tempos múltiplos*.

\*

Há as plataformas de distribuição e de partilha, maioritárias e dominantes, as redes que tudo conectam nas suas malhas invisíveis. E existem as plataformas minoritárias que intersectam e atravessam: dispositivos, lugares, eventos que se constituem como posições móveis de conceptualização e imaginação de mundos possíveis. *Lugares de encontro*: formatos dialógicos que utilizam *tecnologias relacionais* para contrariar a dissipação de uma mediaesfera ávida de pequenas novidades e tendências, *fait-divers* e protagonismos narcísicos, evanescentes e efémeros. E ficamos sempre com a mesma pergunta: como constituir colectivos abertos, como os fazer durar no tempo e como fazer frutificar as suas energias criadoras? Hoje muitos agrupamentos são negativos: formas de protesto, de recusa, de alerta, de denúncia para os quais há uma imensa incapacidade em inscrever as suas acções e propostas no tempo e no espaço, em converter esse potencial em processos históricos e sociais. E, se não é fácil evitar a sua reificação nostálgica, a sua neutralização como uma resistência ou uma excrescência tolerada e consentida (ou até encorajada) pelos sistemas e hegemonias dominantes, mais difícil é converter esse desejo de possível e de futuros, em metamorfoses

criadoras, operantes e vitais. Nunca conseguimos bem avaliar o valor real destas formas e formatos para a transformação das nossas instituições e formas de fazer-colectivo. Nunca conseguimos inteiramente antecipar como a produção de valor simbólico, a criação de imaginamentos e de narrativas de capacitação, vão ser capazes de se inscrever no tempo e no espaço, na duração e nos lugares. Mas sem criação de formatos que se apropriem dos canais e dos suportes, que os utilizem para o inédito e o inaudito, criando campos de aplicação e esferas de criação outras, e não apenas para as lógicas da concorrência, do mercantil, do ideológico que sempre são os modos maioritários e dominantes do discurso, não há inscrição. O manifesto é um dos modos de experimentação das formas e dos formatos que vai sempre renegociando e retraduzindo os seus campos de aplicação e de expressão, as suas materializações e conceptualizações, as práticas e dos discursos.

\*

A actualidade do manifesto, o seu como e o seu porquê, a convocação que ele lança às instituições e aos colectivos, aos modos de viver e junto e de criar mundos-em-comum configuram-no como um lugar de parábola e de metáfora, como um gesto agónico, como uma prática antagonista e oposicional. Mas ele é também um lugar paradoxal de diagnóstico de uma época que tem já um excesso de sintomatologistas e especialistas a prescrever protocolos e tratamentos, ortopedias e reformas permanentes mas que se sente órfã de visões orientadoras, que tem a nostalgia do ideal e do carisma das visões mobilizadoras, das grandes metáforas e das emoções partilhadas. Mais do que a necessidade de um manifesto, manifesta-se por todo o lado uma necessidade: um desejo urgente e radical de novos começos, de uma mudança radical que nos permite propor novas situações, de nomear e reconhecer a abertura de espaços de possibilidades que permitam o começo de outros mundos possíveis. Esta exigência de nos emancipar da nostalgia, de imaginar novas humanidades ecológicas, novas formas de *co-habitação* da terra. *Re*-elaborar e percorrer as heranças e as memórias para as mobilizar como aliadas na transformação do presente, na renovação do presente não faz do tempo do manifesto subsidiário de

uma concepção do tempo como uma flecha rectilínea de um tempo inteiramente orientado para um futuro vivido. Nem como um barómetro axiológico para compensar as ansiedades do presente (a nostalgia do passado é o polo simétrico da fuga moderna tecnolofila). O manifesto é um lugar de problematização dos *tempos múltiplos* e um laboratório de imaginamento e experimentação de outras articulações desses tempos. Os *mundos possíveis* são tempos múltiplos: *contrapontos* dos tempos e das histórias que ritmam o presente, que abrem lugares de encontro que são a abertura do espaço dos possíveis.

\*

Os nossos gestos incarnam secretamente, discretamente, um *saber habitado*, uma *vitalidade sustentadora*, feitos de uma memória profunda. Sabem melhor do que nós e fazem mais do que nós. Movem-se no espaço entre nós e são visíveis nesse espaço-entre: como um entrelaçamento entre nós e os outros, entre individual e colectivo. Fazem emergir – passando *através* de nós e atravessando-nos e perpassando processos criadores, processos instituintes e constituintes que ultrapassam as nossas intenções, mesmo se na origem de um gesto, enquanto acção de um sujeito visível para outros, possa estar uma *intenção consciente*. Mas os gestos sempre ultrapassam as nossas intenções: amplificam-nas, fazem-nas derivar e ganhar novas dimensões, para lá da racionalidade consciente. Essa visibilidade para outros, essa natureza de coisa presente no espaço público, apropriável, partilhável, comunicável faz deles um elemento crucial na nossa *capacidade de re-significação* do mundo, na capacidade de lhe inflectir o sentido e de gerar novas possibilidades de sentido.

\*

Os gestos são *movimentos de sentido* que se inscrevem no mundo. São elementos vivos de um mundo partilhado com os outros. Um gesto retoma, reassume, reconduz, num corpo e numa intenção singular, afectos colectivos transindividuais. Eles são o lugar onde se entrelaçam o individual e o colectivo, onde se entretecem o singular e o múltiplo. Por isso, os gestos mesmo

sendo a encarnação de uma singularidade e a manifestação de um ponto de intensificação e de inflexão localizado, inserem o seu movimento num espaço-em-comum, num lugar de partilha e de imbricamento. Dele se lançam enlevos (raptos, êxtases) e animações (animismo, vitalidades), fulgurações inaugurais e augurais, aberturas e passagens para outras possibilidades de vida. Essas “visibilidades” dos gestos, a sua performatividade no espaço de aparição, a sua comparência no espaço-em-comum, são formas de agenciamento e de composição de campos de forças sistémicos: forças organizadas para geram determinados eventos e dinâmicas relacionais colectivas, para criara seqüências de acontecimentos e de actos volitivos encadeados e entrelaçados: para pôr-em-obra vitalidades e animismos, inéditos e inauditos. O gesto é uma *força investida* de um poder de transformação: uma intencionalidade, uma inteligência, uma manifestação de consciência.

\*

É por isso que podemos ver nele a força exemplar da relação consciência-matéria: o gesto humano é uma activação da consciência, uma actividade de manifestação de uma intencionalidade, cuja inteligibilidade afecta e é potencialmente apreensível por outros. Ao abrir esse campo de manifestação da consciência, um gesto é uma abertura de possibilidades: potências em actividade que abrem perspectivas capazes de alterar os limites e as definições da nossa realidade física e material, emocional e afectiva, estética e politicamente modulável pela força dos gestos. Enquanto mediação e tradução de forças na matéria e nas múltiplas esferas do sensível, as esferas psíquicas e afectivas, esferas de cognição e de pensamento crítico, de criação e de invenção são irreversivelmente alteradas. O nosso mundo é permanentemente atravessado por fluxos de descodificação e recodificação, por programações e funcionalizações que nos desumanizam e nos penetram cada vez mais intimamente: ditadura dos mercados, especulação financeira, consumismo omnipresente, mercantilização da vida, interação total no regime do espectáculo e do entretenimento generalizado, que agravam as catástrofes ecológicas em curso, sistémicas e exponenciais, cada vez mais irreversíveis e inabarcáveis.

Os gestos permitiriam abrir uma outra época histórica: a de uma política dos *micro-gestos* (individuantes e singularizantes), intrincados e entrelaçados com os macro-gestos (colectivos e criadores do comum), capazes de amplificar e intensificar, intimamente e colectivamente, uma outra história. Os gestos enquanto *afirmação manifesto* e enquanto *intenção consciente*, que abrem campos de forças e põem em movimento *sistemas* criadoras. Eles inflectem, desviam, curvam o devir para outras possibilidades, para outras histórias-partilhadas, para alter-humanidades. Eles são os suportes e os recetáculos vivos das nossas *humanidades-por- vir*: eles sustentam e incubam novas realidades ainda não manifestadas, outras possibilidades do habitar terrestre. Os nossos devires, as nossas individuações dependem das inflexões que os nossos gestos são capazes de imprimir ao nosso habitar terrestre. Eles inscrevem-nos em *aprendizagens ontológicas* de *gestos-em-obra*, de intenções conscientes para manifestar outras realidades, outras formas de habitar a terra, outras formas de prosseguir a nossa humanização, constitutivamente lacunar e insuficiente (quando não mutilada e truncada), tanto quanto é ainda incompleta e inacabada. A futurição das culturas humanas, na sua multiplicidades, diversidades e diferenças irreduzíveis (e, talvez, inconciliáveis) depende disso. Quanto mais nos assolam os sinais de crises encadeadas, de catástrofes acumuladas e de mundos exangues em agonias de violência e desigualdade, de situações de agravamento irreversível e desigual das condições de habitabilidade da Terra, mais precisamos de *re-programar*, de *re-escrever* e de *re-significar* as operações e as obras que os nossos gestos codificaram e significaram. Como incarnar nos nossos gestos mais comuns e mais quotidianos, como nos nossos gestos mais exemplares e modeladores, novas condutas e novas formas de conduzir a acção, que levem a novas práticas (do ser e do fazer renovados) e a novas encarnações (encantadas e animistas), é uma pergunta e uma vigilância que temos de exercer todos os dias. Para sustentar alternativas contra o insustentável, temos de reverter o irreversível para outros potenciais de viver, fazendo circular – *entre nós todos* – outras imagens e outros gestos do viver e do habitar, do cuidar e sentir, do imaginar e do experimentar. Temos de *gerar* em vez de *gerir*.

\*

Os meios nunca estão dados: temos de os fazer, temos de os imaginar e depois temos de os nutrir e de os sustentar. Mas os meios, tanto como os “fins” ou os “princípios”, dependem dos *gestos vitais* que os impulsionam e os nutrem. Incarnados e partilhados em imagens e palavras, em visibilidades públicas e em enunciações singulares que multiplicam as vozes e as acções no espaço-em-comum, temos de estar conscientes que somos criadores dos processos sociais e históricos pelas intencionalidades e pelas as inteligências que colocamos em movimento, i.e., às quais damos força e expressão, que *tornamos manifesto*. Sem uma percepção inteligível da função *criadora da consciência* na manifestação desses potenciais de ser, dessas humanidades outras, por vir ou por fazer, ficaremos *desmunidos* da nossa capacidade de pensar e de imaginar outros futuros: de *bifurcar* (como propôs Bernard Stiegler, num dos últimos livros colectivos que organizou) no sentido em que conseguimos, no lugar onde é preciso fazer separações e rupturas reais, onde é preciso tornar distinto, destringar e discernir outras histórias e outras possibilidades, lá onde elas podem acontecer. As ecologias dos processos sociais e colectivos estão intimamente entrelaçadas e intrincadas com os devires materiais do ecossistema terra (de Gaia, para utilizar o termo que Bruno Latour defendeu, de modo duplamente convincente depois de James Lovelock e Lynn Margulis), ecossistema que é singular plural, feito de tempos múltiplos e humanidades incontáveis. Repensar o nosso lugar no universo e entre os viventes, nas naturezas nas quais estamos inextricavelmente entrelaçados e cuja complexidade nos ultrapassa infinitamente, requer *tornar manifesto* o pertencimento e o parentesco entre os viventes e os seus tempos múltiplos. Disso somos indubitavelmente os participantes animistas-animantes e, ao invés de sofrermos com a pressão dessa interacção e dessa interdependência, temos de nos imaginar e sentir a participação nessa realidade evolutiva, para podermos ser e agir como co-criadores dessas realidades (eco)sistémicas. Os *mundos-em comum*, as *humanidades-outras* dependem sobretudo desses gestos de abertura, desses *gestos-em-obra* que *tornam manifesto* o espaço de possibilidades infinitas que é a Vida.

(2022)

Caderno  
**ESCRITAS : MANIFESTOS**  
Publicado em dezembro de 2022

Edição especial n.º 1

<https://lida.ipleiria.pt>

**Coordenação editorial**  
Isabel Baraona

**Design e paginação**  
Rosa Quitério

**ISSN:**  
2795-5907

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da  
FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito  
do projeto «UIDB/05468/2020»

APOIOS





# ESCRITAS : MANIFESTOS

APOIOS

